

## JORNAL DE BRASÍLIA

18 MAR 1997



Funcionários da Terracap e da Administração de Brasília expulsaram famílias com ajuda da PM

# Governo desmonta barracos na Asa Norte sem resistência

MÁRCIA DELGADO

O Governo do Distrito Federal não dá trégua aos invasores. Ontem, a investida foi contra 16 barracos que estavam em área pública próxima à entrequadra 911/12 Norte. Sem nenhuma resistência por parte dos moradores, a Administração de Brasília coordenou a derrubada dos barracos, parte de madeirite de telha de amianto e outra de lona de plástico. Pelo menos 60 pessoas ficaram ao relento sem saber que rumo tomar. "Não temos para onde ir. Hoje (ontem), o jeito vai ser dormir com a família no meio do mato e amanhã a gente vê o que faz", disse o sucateiro João da Silva.

Ele mora no local há 14 anos, com mulher e três filhos, o menor com um ano de idade. "Todo ano é a mesma coisa. Eles vêm, derrubam e a gente volta a fazer o barraco no mesmo lugar. Vai ser assim enquanto esse governo não artumar uma solução pra gente", salientou João. Seu barraco de madeirite e telha de amianto foi parar

no chão em menos de dez minutos. Fogão, panelas com comida pronta dentro e outros objetos do sucateiro ficaram espalhados no meio dos destroços.

A derrubada contou com o apoio de 20 homens, 10 da Administração de Brasília e o restante da Companhia Imobiliária de Brasília (Terracap). "A maioria aqui tem lote em outros locais e fica aqui por causa do comércio do ferro velho", garantiu o fiscal da Administração de Brasília, Orlando Costa, que coordenou a derrubada na invasão da 912 Norte. Grande parte das pessoas que moram no local sobrevivem da venda de sucatas.

"A gente sai pedindo para os oficineiros das quadras e vendemos para os compradores certos que vêm aqui buscar", contou Cristina Maria de Almeida, acrescentando que costumam ganhar até um salário mínimo por mês com o comércio de papel e sucata.

**Lixo** - "Aqui, minha filha, nós vivemos do lixo do rico", comentou o

sucateiro João da Silva. Assim como o sucateiro, Cristina Almeida e a amiga Maria das Dores da Silva já presenciaram pelo menos quatro derrubadas de barracos na invasão. "A gente ainda continua aqui porque não tem mesmo pra onde ir e do que viver em outro lugar", comentou Maria, separada e mãe de três filhos. Ela confirma que tem um barraco em Samambaia, que está ocupada por uma inquilina. "Meu ex-marido alugou por dois anos e, enquanto não vencer o contrato, não posso me mudar pra lá", lamentou.

Há dez dias, os moradores da invasão receberam da Administração de Brasília um comunicado da derrubada e, mesmo assim, esperaram a retirada. A operação, que começou de manhã e terminou à tarde, foi acompanhada por dez policiais militares e ainda por três fiscais do Serviço Integrado de Vigilância do Solo (Sivsolo). "Muitos moradores da entrequadra reclamam da insegurança causada por essa invasão", garantiu Orlando.